



I Encontro Internacional da
Revista de Ciências do Estado

Caderno de Resumos

revice

Organização

PERIÓDICOS
UFMG

Apoio

Caderno de Resumos do I Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado

Os desafios na produção e difusão do conhecimento científico

26 a 28 de julho de 2021

Belo Horizonte

2021



Comissão Organizadora

Victoria Nicolielo Reginatto, Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenadora

João Pedro Braga de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Gabriel Niquini Mota, Universidade Federal de Minas Gerais

Lucas Antônio Nogueira Rodrigues, Universidade Federal de Minas Gerais

Mariana Grilli Belinotte, Escola de Comando e Estado Maior do Exército

Raphael Machado de Castro, Universidade Federal de Minas Gerais

Organização do Caderno de Resumos

Victoria Nicolielo Reginatto

João Pedro Braga de Carvalho

Imagem da Capa

Victoria Nicolielo Reginatto

Raphael Machado de Castro



Sessões Plenárias

26 de julho, segunda-feira

Horário: 14:00 (BRT) [youtube.com/watch?v=cogU74usQas](https://www.youtube.com/watch?v=cogU74usQas)

Nome: Abertura e conferência magna “O Estado do Direito e o Direito do Estado”

Saudações ao Conferencista: Profa. Dra. Karine Salgado (UFMG)

Conferencista: Prof. Catedrático Paulo Ferreira da Cunha (Conselheiro do STJ Portugal/U.Porto)

Horário: 19:00 (BRT) <https://www.youtube.com/watch?v=HAvcU3oo8w8>

Nome: Os desafios na produção do conhecimento científico

Mediadora: Mariana Grilli Belinotte (REVICE)

Palestrantes: Profa. Dra. Mônica Sette Lopes (UFMG) – Descobrimo a pergunta: a dialética da pesquisa

Profa. Dra. Karina Furtado Rodrigues (ECEME) – Estratégias de Publicação: navegando entre o ‘publish or perish’ e o ‘be visible or vanish’

Profa. Dra. Stela Maria Meneghel (FURB) – Formação profissional e conhecimento científico na Sociedade do Conhecimento

27 de julho, terça-feira

Horário: 10:00 (BRT) <https://www.youtube.com/watch?v=U1vJD-2SYtE>

Nome: Critérios de indexação para periódicos científicos

Mediador: Lucas Antônio Nogueira Rodrigues (REVICE)

Palestrantes: Profa. Dra. Carla Cristina Vieira de Oliveira (Portal Periódicos UFMG)

Bruno Fernandes de Magalhães de Oliveira (Portal Periódicos UFMG)



Horário: 14:00 (BRT) <https://www.youtube.com/watch?v=kJbAmJwXn1w>

Nome: Os desafios encontrados por periódicos científicos

Mediador: João Pedro Braga de carvalho (REVICE)

Palestrantes: Profa. Dra. Terezinha de Fatima Carvalho de Souza (UFMG) - Portais de periódicos: a experiência da UFMG

Prof. Dr. Jackson Cioni Bittencourt (USP) - Comunicação Acadêmica e Ciência Aberta

Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos (UNICAMP) - Driblando os desafios da produção científica: "as boas práticas para periódicos científicos"

28 de julho, quarta-feira

Horário: 14:00 (BRT) <https://www.youtube.com/watch?v=Oz3KSTQjR78>

Nome: Conferência Magna de Encerramento “Límites de la hiperespecialización. Necesidad de la macrofilosofía”

Mediador: Victoria Nicolielo Reginatto (REVICE)

Saudações ao Conferencista: Prof. Titular José Luiz Borges Horta (UFMG)

Conferencista: Prof. Dr. Gonçal Mayos Solsona (UB)

Horário: 18:00 (BRT) https://www.youtube.com/watch?v=Lljd8_2QVg8

Nome: Plenária de Encerramento – Celebração dos 5 anos da Revice

Lucas Parreira Álvares, Editor-Chefe no período de 2016-2017

Sabrina Carozzi Bandeira, Editora-Chefe no período de 2017-2018

Gabriel Afonso Campos, Editor-Chefe no período de 2018-2019

Victoria Nicolielo Reginatto, atual Editora-Chefe



Grupos de Trabalho

27 de julho, terça-feira

Horário: 16:00 (BRT)

Grupo de Trabalho: **Epistemologia e Ciência**

Presidente do GT: Lucas Antônio Nogueira Rodrigues

Link: <https://meet.jit.si/GTepistemologiaeciencia>

1. O Posicionamento Anti-Gnosiológico de Karl Marx
Edmundo Barboza Filho (UFMG)
2. Epistemologia e saberes tradicionais: uma análise sobre os processos educativos indígenas
Lucas Antônio Nogueira Rodrigues (UFMG)
Raissa Michaela Pereira Costa e Silva (UFMG)
3. Institucionalização e conhecimento na Modernidade: produção e difusão do saber no Renascimento italiano e na Ilustração francesa
Gabriel Afonso Campo (UFMG)
Raul Salvador Blasi Veyl (UFMG)
4. Negacionismo Científico e o Debate Epistemológico no Século XXI: um retorno ao ‘discurso sobre as ciências’ de Boaventura Sousa Santos
Rodrigo Badaró de Carvalho (UFMG)

Horário: 16:00 (BRT)

Grupo de Trabalho: **Interdisciplinaridade e Liberdade**

Presidente do GT: Victoria Nicolielo Reginatto

Link: <https://meet.jit.si/GTinterdisciplinaridadeliberdade>

1. A necessidade de ampliar a leitura de periódicos para uma formação científica e filosófica de estudantes do Ensino Médio
Miriam Assumpção Chaves (UEMG)
Raphael Geral Estanislau Vaz Ribeiro (UFMG)



2. Por que precisamos de polímatas?

Stephane Bragança Amorim (UFMG)

3. Ciências do Estado: Liberdade de Expressão e Pluralismo de Ideias

Paulo César de Souza (UFMG)

4. Terceira Cultura: como a visão pós-disciplinar nos leva a uma melhor compreensão da realidade

Victoria Nicolielo Reginatto (UFMG)

Prof. Dr. Renato César Cardoso (UFMG)

Horário: 19:00 (BRT)

Grupo de Trabalho: **Conhecimento, Desenvolvimento e Filosofia**

Presidente do GT: Raphael Machado de Castro

Link: <https://meet.jit.si/GTconhecimentodesenvolvimentoefilosofia>

1. Médio “A educação para o desenvolvimento”: considerações sobre o papel da Universidade brasileira à luz do pensamento de San Tiago Dantas
Pedro Luiz Rodrigues Barreto (UFMG)
2. Vanguardas do Conhecimento: desafios políticos para o desenvolvimento científico no século XXI
Gabriel Niquini Mota (UFMG)
3. A dialética das ciências e a superação do entendimento
Gabriel Abrahao Costa (PUC/MG)
4. A busca por vida extraterrestre e suas implicações macrofilosóficas nas searas científicas, culturais e militares do século XXI
Raphael Machado de Castro (UFMG)
5. Macrofilosofia, a rebeldia intelectual: diálogos entre Gonçal Mayos Solsona e Roberto Mangabeira Unger
João Pedro Braga de Carvalho (UFMG)
Mariana Grilli Belinotte (ECEME)



Horário: 19:00 (BRT)

Grupo de Trabalho: **Universidades e Produção Científica**

Presidente do GT: Alexandre Francisco Braga

Link: <https://meet.jit.si/GTuniversidadeseproducaocientifica>

1. Pela necessidade de pesquisas situadas: reflexões metodológicas acerca do processo de construção da pesquisa dentro das ciências jurídicas
Rainer Bomfim (UFMG)
2. Letramento e produção científica: desafios em contexto de pandemia
Profa. Dra. Adriana do Carmo Figueiredo (IESLA-ESJUS)
3. O conceito de democracia e a Ciência Política no Brasil: usos e limites
Prof. Dr. Leonardo Almeida da Silva (UNEMAT-Cáceres)
4. UFMG Jovem: uma estratégia de divulgação científica juvenil em Minas Gerais
Alexandre Francisco Braga (UFMG)

EPISTEMOLOGIA E CIÊNCIA



O Posicionamento Anti-Gnosiológico de Karl Marx

Edmundo Barboza Filho¹

Karl Marx foi um escritor que ultrapassou fronteiras do conhecimento. Não coincidentemente é autor muito referenciado, e por vezes incontornável, nas áreas da Economia, Filosofia e Sociologia. E além: nos mais variados manuscritos deixados pelo autor encontramos tratamentos interessantes sobre História, Antropologia, Matemática e ainda outras áreas. Do contexto intelectual novecentista no qual encontramos Marx talvez fosse de se esperar dele um tratamento sistemático sobre a problemática do conhecimento, ou seja, a gnosiologia. Não há. O sentimento de desconfiança aumenta ainda mais quando percebemos que o tema gnosiológico tem um tratamento importante para os escritos de autores com os quais Marx conversa diretamente, como Kant e Hegel. A partir do que o filósofo José Chasin chamou de análise imanente, e seguindo suas contribuições para a leitura rigorosa de Marx, me esforçarei por trazer o contexto intelectual no qual o autor de *O Capital* está inserido e, por meio de seu próprio trançado teórico, tentarei expor a posição particular que ele assume quanto a problemática do conhecimento. Adianto que: do posicionamento anti-gnosiológico de Marx não se pode deduzir uma despreocupação dele em trazer um tratamento científico da realidade, mas antes tal posicionamento se conecta diretamente a este último. Com isso poderemos fazer breves apontamentos sobre o “método” de Marx, ou todos os pontos que necessariamente passam por seu tratamento científico.

Palavras-chave: História intelectual; Karl Marx; Metodologia; Ontologia.

REFERÊNCIAS

CHASIN, José. *Marx – Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

¹ Graduando em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Orientação do professor Vitor Bartoletti Sartori. E-mail: edbarbozafilho@hotmail.com



Epistemologia e saberes tradicionais: uma análise sobre os processos educativos

Lucas Antônio Nogueira Rodrigues²

Raissa Michaela Pereira Costa e Silva³

O presente trabalho tem como objetivo explorar a necessidade de uma resignificação epistemológica dos conceitos relacionados aos processos educativos indígenas, dentre eles o saber tradicional, o conhecimento científico e as metodologias que os permeiam. Nesse sentido, a partir de uma perspectiva decolonial, faz-se necessário apontar os impactos das intervenções imperialistas do saber ocidental no contexto de diferentes composições étnicas e culturais. À luz da dimensão sociopolítica do território indígena, deve-se considerar que as relações que envolvem o meio ambiente e a comunidade são pautadas por processos intimamente interligados e interdependentes que se distinguem dos saberes ocidentais hegemônicos, na medida em que esses são constituintes de uma lógica universalista e objetivada em um conhecimento instrumentalizado. Dessa forma, as escolas indígenas, apesar de disporem de uma legislação própria, ainda operam segundo um propósito pedagógico, executado pelo Estado brasileiro, disruptivo e que anda na contramão de um contexto que é sempre diverso e particular de cada povo. Intenciona-se, assim, analisar os princípios basilares que compõem a educação indígena, questionando os aspectos metodológicos e as dificuldades de implementação de um sistema educativo efetivo e de qualidade, sem desconsiderar as contradições encontradas na tentativa de conciliar o conhecimento científico com os saberes tradicionais. Por último, pretende-se apresentar diferentes perspectivas acerca dos projetos pedagógicos indígenas, suas relações com o Estado e os horizontes de renovação para o fortalecimento de um aprendizado mais holístico.

Palavras-Chave: Saberes Tradicionais; Educação Indígena; Conhecimento Científico.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCH, Maria; SILVA, Rosa. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL: DA ESCOLA PARA ÍNDIOS ÀS ESCOLAS INDÍGENAS. *Ágora*, v. 13, n. 1, 2007.

² Bacharelado em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: lucasantonio10@live.com

³ Bacharelada em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: raissamichaela@gmail.com



Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/113/72>. Acesso em: 8 jul. 2021.

CALDERONI, Valéria; NASCIMENTO, Adir. Saberes tradicionais indígenas, saberes ocidentais, suas intersecções na educação escolar indígena. *Visão Global*, 2012. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3427>. Acesso em: 8 jul. 2021.

CUNHA, Manuela. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *REVISTA USP*, 2007.

LADEIRA, Maria. Desafios de uma política para a educação escolar indígena. *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI*, v. 1, ed. 2, 2004. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal:funai/ladeira_2004_desafios.pdf. Acesso em: 8 jul. 2021.

Institucionalização e conhecimento na Modernidade: produção e difusão do saber no Renascimento italiano e na Ilustração francesa

Gabriel Afonso Campos⁴

Raul Salvador Blasi Veyl⁵

O presente trabalho objetiva propor uma reflexão sobre a institucionalidade do conhecimento na Modernidade, a partir de duas matrizes de análise: o período do Renascimento italiano (séculos XIV-XVI) e o da Ilustração francesa (século XVIII). O argumento da pesquisa é o de que a produção do conhecimento nestes dois períodos é acompanhada de um movimento de desinstitucionalização do saber motivado, especialmente, por uma necessidade de influir na realidade social e política de ambos os períodos. No Renascimento, o trabalho de tradução e de produção de documentos políticos fora de espaços consolidados de edificação do saber, alinhados à assunção de que o que a ética renascentista se desenvolve na política das virtudes, possibilita um movimento de desinstitucionalização do saber. O conhecimento passa a ser vivenciado e produzido por autores diretamente associados aos problemas de época, muitas

⁴ Doutorando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da prof^a. dr^a. Karine Salgado. Mestre em Direito e bacharel em Ciências do Estado pela mesma instituição. E-mail: gabriel.afns1@gmail.com

⁵ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Direito pela mesma instituição. E-mail: raulvey1@gmail.com



vezes ignorados pelos chamados “filósofos profissionais”, absortos em problemas metafísicos mais sutis. Na Ilustração francesa do século XVIII, vive-se uma sensação de progresso intelectual. À expansão das ciências equivale uma nova forma de se encarar a razão, não mais entendida como um conjunto de princípios metafísicos a partir dos quais poder-se-ia deduzir as demais proposições, mas como a faculdade de construir, a partir de dados empíricos, um sistema de leis capaz de explicar e transformar a realidade. Formulando uma nova noção de razão, a Ilustração adquire uma atitude pedagógica e de preocupação com a livre disseminação do conhecimento, o que motiva, por exemplo, a publicação da *Enciclopédia*. Renascimento italiano e Ilustração francesa encontram-se, pois, ainda que em contextos diversos, na desinstitucionalização do saber.

Palavras-chave: Renascimento; Ilustração; História do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ADVERSE, Helton Machado. *Maquiavel: política e retórica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. Retórica, Educação e Política no Renascimento Italiano. *Sapere aude*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 2º semestre de 2011. pp. 8-27.

_____. *Origens do republicanismo moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BIGNOTTO, Newton. O filósofo e a cidade: o Vita Civile de Matteo Palmieri. *Kléos*, v. 4, n. 4, 2000. pp. 97-114.

BLACK, Robert. *Humanism and Education in Medieval and Renaissance Italy: tradition and innovation in Latin Schools from the Twelfth to the Fifteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BURKE, Peter. *A invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*. Revista estudos históricos, v. 19, 1979.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURKE, Peter; GARIN, Eugenio. *O Homem renascentista*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental: volume II*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.



CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

CORREIA, A. A universidade medieval. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, [S. l.], v. 45, p. 292-329, 1949. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66131>. Acesso em: 18 jul. 2021.

D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Ensaio sobre os Elementos de Filosofia*. Campinas: UNICAMP, 2014.

DAL RI Júnior, Arno et. al. (Org.) *As interfaces do humanismo latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DIDEROT, Denis. *Da interpretação da natureza e outros escritos*. Tradução de Magnólia Costa Santos. São Paulo: Iluminuras, 1989.

DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond (orgs.). *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 1: Discurso preliminar e outros textos*. Tradução de Maria das Graças de Souza, Pedro Paulo Pimenta e Thomaz Kawauche. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HANKINS, James. *Virtue Politics: soulcraft and statecraft in renaissance Italy*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 2019.

HAZARD, Paul. *O Pensamento Europeu no Século XVIII*. Oeiras: Editorial Presemça, 2005.

JARDIN, André. *Historia del liberalismo político: de la crisis del absolutismo a la Constitución de 1875*. Traducción de Francisco González Aramburo. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

KRISTELLER, Paul Oskar. *El Pensamiento Renacentista y sus fuentes*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982. p. 38.

LUPI, João Eduardo Pinto Basto. O método de argumentação na Filosofia Escolástica. *Mirabilia* (Vitória. Online), v. 16, p. 170-177, 2013. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/299>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MAGALHÃES PINTO, Fabrina. Retórica e filosofia na formação do pensamento moderno. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 19, n. 27, pp. 59-91, mai. 2010. Disponível em:



https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_01_09.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

MANN, Nicholas. KRAYE, Jill (Ed.). *The Cambridge Companion to Renaissance Humanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e Revolução*. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais a preservação de uma instituição educacional. *Varia Historia* [online]. 2007, v. 23, n. 37 [Acessado 18 Julho 2021], pp. 113-129. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-87752007000100007>>. Epub 04 Jan 2008. ISSN 1982-4343. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752007000100007>.

RUMMEL, Erika. *The Humanist-Scholastic Debate in the Renaissance and the Reformation*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1995.

SALGADO, Joaquim Carlos. *A ideia de justiça no período clássico ou da metafísica do objeto: a igualdade*. Belo Horizonte: Del Rey, 2018.

VOLTAIRE. *Cartas Filosóficas*. Tradução de Marcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Negacionismo Científico e o Debate Epistemológico no Século XXI: um retorno ao ‘discurso sobre as ciências’ de Boaventura Sousa Santos

Rodrigo Badaró de Carvalho⁶

Há mais de três décadas, Boaventura Sousa Santos (1988) publicava seu artigo “Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna”. O pensador português apresentava nesta obra uma abordagem que apontava para o caráter autobiográfico e autorreferencial da Ciência moderna. Nesse sentido, apontava-se para a importância de tratar o conhecimento científico apenas como uma das formas do saber. Tratá-la como hierarquicamente superior a outras formas só seria possível se se assumisse de partida as próprias premissas científicas como verdadeiras. Do mesmo modo, no entanto, outras formas

⁶ Bacharel em Ciências do Estado (UFMG), Mestre em Direito (UFMG) e Doutorando em Ciência Política (UFMG). Email: rodrigobadaro@yahoo.com.br



igualmente se mostram superiores quando se parte das suas próprias premissas. Sousa Santos iniciava ali uma reflexão sobre a necessidade de construção de uma ciência pós-moderna, o que mais tarde avançaria na direção do pós-colonial e das epistemologias do sul (SANTOS, 2008a e 2008b). Propõe-se aqui o retorno ao texto seminal com o intuito de refletir sobre o lugar da Ciência, especialmente no contexto pandêmico imposto pelo COVID-19. O crescente movimento negacionista, em especial diante de um cenário tão dramático, reforça o argumento de Sousa Santos acerca da insuficiência da autolegitimação produzida pelo conhecimento científico. Para além das possibilidades e limitações trazidas pelos trabalhos posteriores do autor, indica-se que o resgate a essa sua reflexão seminal fornece elementos capazes de refletir acerca da necessidade de se construir uma ciência crítica, isto é, uma ciência que não se fecha em seus laboratórios e em seus próprios processos, mas sim que é capaz de se legitimar através da sua conexão direta com as pessoas e, especialmente, com a sua capacidade de produzir impactos positivos em seus modos de vida.

Palavras-chave: Epistemologia; Ciência Moderna; Ciência Crítica; Negacionismo Científico.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos avançados*, v. 2, p. 46-71, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. *Travessias*, n. 6/7, p. 15-36, 2008a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 80, p. 5-10, 2008b.

**INTERDISCIPLINARIDADE E
LIBERDADE**



A necessidade de ampliar a leitura de periódicos para uma formação científica e filosófica de estudantes do ensino médio

Miriam Assumpção Chaves⁷

Raphael Geraldo Estanislau Vaz Ribeiro⁸

O modelo de educação brasileiro atual é ainda pautado em moldes antigos. A Base Nacional Comum Curricular, importante marco para o avanço educacional do país, definiu os parâmetros basilares para a formação dos jovens brasileiros, porém, apesar de ser um relevante instrumento de consolidação dos conteúdos lecionados, falha no quesito fundamental de alterar a estrutura fundante na qual está conformado o sistema de ensino. O método de educação, nos moldes que o conhecemos até os dias de hoje, é um produto mecanicista pensado durante a Revolução Industrial. Dessa forma, o intuito das escolas, naquele tempo de escassas fontes de conhecimento, era inculcar o máximo de informação possível para o aluno, de maneira passiva e massificante. Contudo, atualmente, com o advento da internet e da diversificação de conteúdos informativos, tal realidade não mais se aplica. Nesse sentido, as escolas atuais deveriam modificar o foco do projeto educacional, visando a atuar conjuntamente ao aluno na construção de uma mentalidade científica e filosófica, baseada no estudo crítico e em fontes de conhecimento acadêmico. Por isso, o propósito desse trabalho é pensar um modo de inserir a leitura de periódicos nas atividades pedagógicas do Ensino Médio. Assim, os estudantes podem se familiarizar com essa forma de estudo desde o início da formação, ampliando as perspectivas educacionais das instituições de ensino.

Palavras-chave: Conhecimento Científico; Conhecimento Filosófico; Ensino Médio; Periódicos Acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. T.. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

FIGUEIREDO, Vinícius de. *Seis filósofos na sala de aula*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

⁷ Graduanda em Jornalismo pela UEMG. Email: miriam123damusica@gmail.com.

⁸ Graduando em Direito pela UFMG e em Licenciatura em Filosofia pela UniCesumar. Email: raphaelgeraldovaz@gmail.com.



FREITAS, Vinícius Adriano de. Fundamentos históricos e filosóficos da educação. Maringá: UniCesumar, 2021.

IAMARINO, Átila. Educação para o futuro. TEDxUSP, 22 de nov. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/B_x8EccxJjU>. Acesso em: 04 de jun. 2021.

Por que precisamos de polímatas?

Stephane Bragança Amorim⁹

Se tomarmos a Ciência como o caminho pelo qual exploramos o mundo enquanto humanos, percebemos que em nosso exercício de contemplação da realidade, nada escapa da nossa percepção e análise. Grandes pensadores, cientistas e inventores do passado, que fundaram as bases que se fragmentaram em várias ciências, eram, em sua maioria, polímatas: filósofos, matemáticos, médicos, astrônomos, biólogos, alquimistas... tudo ao mesmo tempo. Nas últimas décadas, presenciamos o crescimento exponencial de descobertas científicas e do desenvolvimento de novas tecnologias em todas as áreas do conhecimento. A criação de novas ferramentas que nos permitem contemplar a realidade, resultou no surgimento - em contínua expansão - de novas Ciências: do micro, ao macro, das Ciências exatas, às humanas, às biológicas; do estudo de partículas ao estudo dos movimentos das galáxias e da própria expansão do universo; da psicologia humana às formas de nos organizar enquanto sociedade. O mundo pós-industrial, como concebido pelo sociólogo Domenico De Masi, carrega em si a valorização do trabalho criativo e intelectual, constatação que já se verifica pela presença de verdadeiros gênios criativos nos quadros que compõem os departamentos de pesquisa de grandes empresas multinacionais, universidades de prestígio e instituições de elite. Os caminhos que nos levam a construir sociedades criativas e pós-industriais exige que sejamos flexíveis e multidisciplinares, como no passado, os grandes nomes do futuro serão polímatas.

REFERÊNCIAS

DE MASI, Domenico. *A Economia do Ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

⁹ Bacharel em Ciências do Estado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: braganca.stephane@gmail.com



_____. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX: espírito do tempo 1: neurose*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ODELL, Jenny. *How to do nothing: resisting the attention economy*. New York: Melville House, 2019.

OXMAN, Neri. *What if our buildings were grown, not built?*. World Economic Forum. Retrieved July 10, 2016.

_____; Dikovsky, Daniel; Belocon, Boris; Carter, W. Craig. *Gemini: Engaging Experiential and Feature Scales Through Multimaterial Digital Design and Hybrid Additive–Subtractive Fabrication*. 3D Printing and Additive Manufacturing, 2014.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Ciências do Estado: Liberdade de Expressão e Pluralismo de Ideias

Paulo César de Souza¹⁰

O Pluralismo de Idéias e a liberdade são valores estruturantes do sistema democrático. A Constituição da República de 1988 protege as manifestações de opiniões dos meios de comunicação, bem como, a liberdade de criação humorística. A Ação Direta de Inconstitucionalidade n° 4.451 do Distrito Federal, de relatoria do Ministro Alexandre de Moraes, 21 de junho de 2018, aponta com clareza Os Direitos Fundamentais como a liberdade de expressão e de pensamento. A exposição do pensamento e de opinião possui vedação apenas ao anonimato, justamente contrariando propósito inverídico. Assim, em momento algum, o legislador constituinte estimulou o compartilhamento de notícia inverídico, falso, conhecido e

¹⁰ Estudante da 12ª Turma do Curso de Ciências do Estado na Faculdade de Direito na UFMG. E-mail: Paulo12tce.ufmg@gmail.com



apontado como Fake News, isto é, notícia falsa. Discorre Jorge (2020) que possuía dificuldade em falar em público, era gago desde infância. Apesar, das adversidades, obstáculos expôs ao público a sua apresentação. Explana Tavares (2012) que o direito à liberdade está assegurada na Constituição da República de 1988, Diz Grau (2021) Ex Ministro do Supremo Tribunal Federal que a interpretação do Direito são abertas com uma alusão à compreensão do texto positivado. Para Fernandes (2014) toda privação à liberdade de um indivíduo se fará mediante a existência de uma lei como expressão histórica do Estado de Direito na Modernidade. Percebe-se que a liberdade seja na manifestação do pensamento ou opinião, possui relevância na Constituição da República. A Liberdade de expressão, de opinião e pensamento não se confunde com aqueles que ocultam a manifestação por trás das redes sociais, perfis falsos, com o propósito de obter curtidas ou visualizações.

Palavras-Chave: Constituição. Democracia. Liberdade

REFERÊNCIAS

- BRASIL.[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em 11 Jul. 2021
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Pleno) *ADI 4451*, Relator(a): Alexandre de Moraes, Tribunal Pleno, julgado em 21/06/2018, Processo Eletrônico DJe-044 DIVULG 01-03-2019 PUBLIC 06-03-2019). Disponível em <<http://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=15339639568&ext=.pdf>> Acesso em 11 Jul. 2021
- FERNANDES, Bernardo Gonçalves. *Curso de Direito Constitucional*. Conforme EC 77/2014. 6ª ed. Revista ampliada e atualizada. Salvador: Juspodivm, 2014.
- GRAU, Eros Roberto. *Porque Tenho medo dos Juízes. A interpretação / aplicação do direito e os princípios*. 10ª ed. São Paulo: Madeiros, 2021.
- JORGE, Alan de Matos. *Curso de Oratória*. Saiba como libertar o orador que existe em você. 3ª ed. Revista ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.
- TAVARES, Andre Ramos. *Curso de Direito Constitucional* 10ª ed. Revista ampliada e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2012.



Terceira cultura: como a visão pós-disciplinar nos leva a uma melhor compreensão da realidade

Victoria Nicolielo Reginatto¹¹

Renato César Cardoso¹²

Já na década de 1950, o cientista e escritor britânico C. P. Snow iniciava o debate acerca do distanciamento cada vez maior entre as ciências naturais e as humanidades – o que ele define como *as duas culturas* -, apontando o quão prejudicial e enfraquecida é essa visão. No cenário contemporâneo é demandada cada vez mais a integração entre diferentes e mais distintas áreas do saber, resposta dada a essa hiperespecialização vista tanto em âmbito acadêmico quanto científico, que embora tenha contribuído no desenvolvimento científico e tecnológico, criou uma falsa fragmentação do conhecimento, rompendo a comunicação entre disciplinas que seriam necessárias para a criação, evolução e expansão de diversos estudos, uma vez que esbarra frequentemente nas barreiras impostas pela própria divisão. Os saberes quando interconectados permitem uma visão que vai do micro ao macro, que considera todos os tipos de conhecimentos, sejam eles de natureza biológica, antropológica, filosófica, artística e tantas outras, constrói análises amplas e holísticas, método que corrobora com a *consiliência*, um projeto de Edward O. Wilson, que retoma o conhecimento global da espécie humana e faz uma ciência unificada, já que para ele essa seria uma união – entre as ciências - inevitável. E, como proposto por Snow, a integração entre as ciências naturais com as humanidades seria a *terceira cultura*, na qual o problema da hiperespecialização e da falta de comunicação entre as disciplinas seria superado. Os crescentes estudos *pós-disciplinares*, que prezam por esse arranjo de estudos sem fronteiras disciplinares, apresentam hoje a melhor forma de compreensão e desenvolvimento do conhecimento.

Palavras-chave: pós-disciplinaridade; terceira cultura; consiliência; conhecimento.

REFERÊNCIAS

¹¹ Graduanda em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: victoria.nicolielo@gmail.com

¹² Professor Associado dos cursos de Ciências do Estado e Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Direito, e do Programa de Mestrado em Neurociências, da Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade de Barcelona (2014). Contato: renatocardoso@hotmail.com



CARDOSO, Renato César. Más allá de las dos culturas. *In: MAYOS SOLSONA, Gonçal CARDOSO, Renato César; HENRIQUE JÚNIOR, Moacir (Org.). Intercisciplinaridade e Intercosntitucionalidade 2.* Uberlândia: LAECC, 2019, p. 23-40.

MAYOS SOLSONA, Gonçal. Macrofilosofía, las “dos culturas” y la era de la postdisciplinarietà. *In: MAYOS SOLSONA, Gonçal CARDOSO, Renato César; HENRIQUE JÚNIOR, Moacir (Org.). Intercisciplinaridade e Intercosntitucionalidade 2.* Uberlândia: LAECC, 2019, p. 23-40.

OLIVEIRA, Thaís de Bessa Gontijo de; CARDOSO, Renato César. Consiliência e a possibilidade do neurodireito: da desconfiança à reconciliação disciplinar. *Rev. Bras. Polít. Públicas*, Brasília, v. 8, nº 2, 2018 p.116-142.

SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura.* São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo

WILSON, Edward Osborne. *Consilience: the unity of knowledge.* New York: Vintage Books, 1999

**CONHECIMENTO,
DESENVOLVIMENTO E
FILOSOFIA**



“A educação para o desenvolvimento”: considerações sobre o papel da Universidade brasileira à luz do pensamento de San Tiago Dantas

Pedro Luiz Rodrigues Barreto¹³

Nossa comunicação busca remir as reflexões de Francisco Clementino de San Tiago Dantas concernentes à Universidade brasileira e sua relação com o projeto nacional. Jurista e diplomata de inegável destaque, San Tiago Dantas foi uma das mais brilhantes mentes a se engajar nos debates públicos da República de 1946, tendo legado ao país, dentre outras inestimáveis contribuições, a sistematização da chamada Política Externa Independente. Como filho de seu tempo, Dantas assentou sua vida pública na promoção da conciliação entre o regime democrático e o projeto nacional-desenvolvimentista. Sua carreira acadêmica, que ganhou especial relevo a partir de sua chegada à cátedra de Direito Civil na Faculdade Nacional de Direito, foi marcada pelo empenho de modernizar o universo acadêmico pátrio à luz das emergentes demandas da realidade brasileira de então. Tal modernização centrava-se no ideal de “educação para o desenvolvimento”, chave que expressava o desejo de verter as instituições de ensino superior em componente vital do desenvolvimento do Brasil. Nesse sentido, propomo-nos a discorrer, em breves linhas, sobre os apontamentos críticos de San Tiago ao modelo de ensino universitário daquele período, seus atrasos e insuficiências, bem como sobre as soluções que delineou para renovar o papel da academia no seio da coletividade brasileira.

Palavras-chave: educação; desenvolvimento; Universidade; San Tiago Dantas.

REFERÊNCIAS

HORTA, José Luiz Borges. Santhiago Dantas e a cultura jurídica; esboço de releitura filosófica. *In: HORTA, José Luiz Borges. Ensaios de educação jurídica*. [no prelo].

SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. Dez proposições preliminares sobre a educação para o desenvolvimento. *In: Revista Brasileira de Política Internacional*, Rio de Janeiro, ano. VII, n. 27, set./dez. 1964.

SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino de. *Discursos parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1985

¹³ Bacharel em Ciências do Estado, pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: pedro.luiz01@yahoo.com.br.



SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino de. *Palavras de um professor*. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

Vanguardas do Conhecimento: desafios políticos para o desenvolvimento científico no século XXI

Gabriel Niquini Mota¹⁴

A chegada do paradigma industrial da revolução 4.0 exige uma nova organização do setor produtivo brasileiro. Qual será o papel das Universidades na revolução tecnológica nacional? Mais do que nunca, as experiências das tradições de ensino interdisciplinares poderão indicar caminhos para a urgente construção da coesão social, cultural e política brasileira. Nossas instituições públicas de fomento à pesquisa acadêmica dependem, portanto, de inovações estratégicas condizentes com marcos intelectuais e financeiros inovadores. Quais políticas de Estado dão suporte aos pesquisadores? Nosso sistema educacional está alinhado ao conhecimento científico do século XXI? Acataremos todos os moldes e os pressupostos de um Governo Digital? Quais providências devemos tomar como pesquisadores quanto às automações industriais? E como trabalhadores? E como Estado? Onde está o potencial científico brasileiro? Escolheremos seguir os mesmos passos das maiores potências industriais? O Brasil estará refém dos modos de produzir chineses? Qual será o papel das Universidades na revolução tecnológica nacional? Nosso desenvolvimento científico vislumbra quais objetivos?

Palavras-chave: Revolução 4.0; Ciência; Tecnologia; Universidades.

REFERÊNCIAS

HORTA, J. L. B.; SEGUER, M. D. Reflexões sobre a didática 2.0. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 1, p. 3–15, 2011. DOI: 10.35699/2237-5864.2011.2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2015>. Acesso em: 22 jul. 2021.

HORTA, José Luiz B.. Urgência e emergência do constitucionalismo estratégico. *Revista Brasileira de Estudos Constitucionais*, v. 23, 2012.

¹⁴ Graduando em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Borges Horta. E-mail: gniquini@live.com.



MAYOS, Gonçal & BREY, Antony (eds.). *La Sociedad de la Ignorancia*. Barcelona: Península, 2011.

UNGER, Roberto Mangabeira. *A Economia do Conhecimento*. Trad. Leonardo Castro. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

A dialética das ciências e a superação do entendimento

Gabriel Abrahao Costa¹⁵

Não se pode pensar a contemporaneidade enquanto uma série de definições categóricas e suas de fundamento daquilo que a define. O movimento é implacável a toda categoria e definição imutável – transcendental – da realidade ou de uma parte dela e, por ser produzido na história, tanto ser como objeto estão fadados à mudança e suprassunção da sua substância e forma. É do que se trata o pensamento dialético e como ele opera e transforma toda a realidade negando, conservando e elevando-a, isto é, dando a ela movimento. Por isso não se pode pensar a contemporaneidade com categorias privativas – a-históricas – do que a define, sem entender que fazem parte de um processo histórico e, justamente por isso, estão condenadas a negar e serem negadas, mas conservadas numa categoria superior. Hegel, ao estruturar sua filosofia, permeia a dialética por todo seu sistema, começando do ser e chegando ao absoluto, sempre por meio da afirmação, negação e negação da negação. Ele foi o filósofo que mais a explorou e entendeu que a mudança é o real e, em seu sistema, as ciências ocupam a parte do entendimento, que passam à certeza de si, razão e assim por diante. Assim sendo, sob a ótica da filosofia hegeliana e, tendo em vista a produção e difusão do conhecimento científico, esse artigo proporá o debate da incapacidade das ciências, enquanto fechadas em si mesmas, de proporem soluções ou suprassunções à realidade atual e como a comunicação entre as diversas áreas do conhecimento pode fornecer escapes ao positivismo instalado no mundo.

Palavras-chaves: dialética; ciências; filosofia.

REFERÊNCIAS

HEGEL, George Wilhelm Frierich. *Fenomenologia do Espírito*. 8 ed. Petropolis: Vozes, 2013.

¹⁵ Graduando em Direito de Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Aluno pesquisador do PROBIC - 2021-2022, do curso de Direito da PUC Minas Praça da Liberdade. Email: gabrahaoc@gmail.com.



KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo

A busca por vida extraterrestre e suas implicações macrofilosóficas nas searas científicas, culturais e militares do século XXI

Raphael Machado de Castro¹⁶

O presente trabalho busca abordar, sob uma perspectiva macrofilosófica, aspectos filosóficos, científicos, epistemológicos, culturais e, inclusive, estratégicos acerca da hipótese de existência/inexistência de vida extraterrestre e os impactos de tais crenças, seja na população em geral, na comunidade científica e, até mesmo, entre os Estados-nação e seus órgãos de inteligência. Se, em 1584, Giordano Bruno já discutia a possibilidade de existência de mundos possuidores de outras formas de vida, em 1961, o astrônomo e astrofísico Frank Drake elaborara a conhecida Equação de Drake, cujas variáveis indicam a possibilidade de existência de centenas de civilizações apenas na Via Láctea, possibilitando o surgimento, em toada semelhante, dos experimentos SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence), que buscam desde sinais de rádio e outras ondas até assinaturas de carbono e metano em exoplanetas. Por outro lado, seccionam também o presente debate a cultura popular acerca da presença extraterrestre avistada em nosso próprio planeta. Aqui são contributivos para a nossa análise desde a indústria cultural ocidental, responsável por massificar as narrativas de ficção científica acerca do tema até as recentes movimentações de Estados como a China, a Rússia e os Estados Unidos da América em direção a um aumento de interesse em fenômenos aéreos não identificados vivenciados por militares e outras franjas de seus poderes públicos que, ainda que não possuam publicamente nenhuma confirmação da relação entre tais fenômenos e visitas extraterrestres ao nosso planeta, já tomam conta da discussão pública nas redes sociais, nos veículos de mídia e na imaginação coletiva de um enorme contingente populacional. É nesse cenário que se busca, então, romper com o preconceito do discurso majoritário acerca de tais

¹⁶ Graduando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador voluntário de iniciação científica no projeto *Ciências do Estado: Caminhos e Soluções Institucionais para o Brasil*, sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Borges Horta. E-mail: raphamachado97@gmail.com.



conhecimentos, suas possíveis evidências e progressos científicos, além de organizar as diversas narrativas e os conhecimentos propagados no tempo presente.

Palavras-chave: Macrofilosofia; SETI; Estratégia; Cultura.

REFERÊNCIAS

HAN, Byung-Chul. En el enjambre. Trad. de GABÁS, Raul. Barcelona: Herder Editorial, 2014.

HAN, Byung-chul. La sociedad de la transparência. Trad. de GABÁS, Raúl. Barcelona: Herder Editorial, 2013.

HAN, Byung-chul. Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder. Trad. de BERGÉS, Alfredo. Barcelona: Herder Editorial, 2014.

MAYOS, Gonçal. Macrofilosofía de la Modernidad. Barcelona: dLibro, 2012.

Macrofilosofia, a rebeldia intelectual: diálogos entre Gonçal Mayos Solsona e Roberto Mangabeira Unger

João Pedro Braga de Carvalho¹⁷

Mariana Grilli Belinotte¹⁸

O presente trabalho pretende, em um primeiro momento, recorrer a certas teses defendidas pelo Prof. Roberto Mangabeira Unger, referentes aos problemas da cultura universitária e, mais especificamente, dos estudos sociais, para diagnosticar os desafios da produção do conhecimento científico e propor como solução uma rebeldia de pensamento que possa romper as falsas necessidades acadêmicas e altear-se como ideia consistente, para fazer frente às adversidades contemporâneas. No momento seguinte, será preciso relacionar as críticas de Unger com o pensamento do filósofo catalão Gonçal Mayos Solona, que percebe problemas no próprio modo de se fazer filosofia e revela os vícios filosóficos do século XX, um período de predomínio do *microfilosofar*, ou seja, observações particularizadas ou centradas em detalhes e feitos específicos. Ao perceber que o *microfilosofar* era uma repetição das grandes vertentes e não era suficiente para solucionar os desafios do tempo presente, Mayos se rebela contra os

¹⁷ Graduando em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: joaopedrobragade@carvalho@gmail.com

¹⁸ Doutoranda em Ciências Militares pela Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado Maior, Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, e Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo. E-mail: marianabelinotte@gmail.com



dogmatismos do pragmatismo radical filosófico e propõe a *Macrofilosofia*, uma nova perspectiva, uma compreensão totalizante do real, que recupera os metarrelatos e macrodiscursos de sentido filosófico global para atender a necessidade humana de encontrar um conceito guia para suas ações. Por fim, pretende-se questionar se a Macrofilosofia se coloca como instrumento necessário ao agente executor da tarefa maior de Unger: reimaginar nossas instituições de modo a edificar uma democracia de alta energia.

Palavras-chave: Macrofilosofia; Rebelia Intelectual; Ciência; Conhecimento.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, José de Magalhães Campos. *Os Tempos do Direito*; Ensaio para uma (Macro)Filosofia da História. Belo Horizonte: UFMG, 2015 (Tese, Doutorado em Direito).

HORTA, José Luiz B. *Iniciação à Macrofilosofia e ao pensamento de Gonçal Mayos* [inédito].

HORTA, José Luiz Borges Horta. *Dialética do Poder Moderador*; Ensaio de uma Ontoteologia do Estado do Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020 (Tese, Titularidade em Teoria do Estado).

MAYOS SOLSONA, Gonçal. *Macrofilosofia de la globalización y del pensamiento único*. Un macroanálises para el “empoderamiento”. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012

MAYOS SOLSONA, Gonçal. *Macrofilosofia de la Modernidad*. Rota: dLibro, 2012.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Depois do Colonialismo Mental*: repensar e reorganizar o Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Imaginação institucional: a vanguarda rebelde do pensamento brasileiro*. Entrevistadores: REGINATTO, Victoria Nicolielo; CARVALHO, João Pedro Braga de; BELINOTTE, Mariana Grilli; TEIXEIRA, Carlos Sávio Gomes; ALMEIDA, Philippe Oliveira de. *Revista de Ciências do Estado*. [inédito]

UNGER, Roberto Mangabeira. *Necessidades falsas*: introdução a uma teoria social antideterminista a serviço da democracia radical. Trad. Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy. São Paulo: Boitempo, 2005.

UNGER, Roberto Mangabeira. *O movimento de estudos críticos do direito*: outro tempo, tarefa maior. Trad. Lucas Fucci Amato. Belo Horizonte: Letramen

**UNIVERSIDADES E PRODUÇÃO
CIENTÍFICA**



Pela necessidade de pesquisas situadas: reflexões metodológicas acerca do processo de construção da pesquisa dentro das ciências jurídicas

Rainer Bomfim¹⁹

Esta pesquisa propõe-se a discutir qual é o papel do sujeito-pesquisador dentro da produção do conhecimento nas ciências jurídicas. A hipótese é que, dentro do paradigma de conhecimento moderno/colonial, toda pesquisa é produzida por um sujeito interessado e localizado em uma realidade específica e, por este motivo, defende-se que estas proposições deveriam ser explícitas nas produções científicas. Sobre isso Gloria Anzaldúa (1987, 2000) e Donna Haraway (1995), que são os marcos teóricos deste trabalho, demonstram a necessidade da produção de uma pesquisa situada dentro das ciências sociais imbricadas com a corpo-política daquela/e que fala. As autoras, em suas obras distintas, afirmam que toda pesquisa denota o lócus social e o lócus de enunciação epistêmica, mesmo que afirmem uma suposta neutralidade. Desta forma, esta pesquisa se justifica pela necessidade de repensar quais são as bases metodologias dominantes dentro do direito e se existe possibilidade para uma crítica a partir de corpos e lugares raciais/étnicos/sexuais subalternizados. Assim, ao trabalhar com o direito parte-se de uma perspectiva deste enquanto produtor, legitimador e sujeito de violências estruturais e históricas. Propõe-se a escrita mediante uma perspectiva desconfiada, mas que ainda acredita numa virada epistemológica jurídica para usar as potencialidades do direito com a finalidade de reconhecer possibilidades e benefícios para uma população marginalizada, historicamente violentada pelo padrão moderno de sujeito.

Palavras-chave: Metodologia Jurídica. Pesquisa Situada. Papel do Pesquisador.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, 2000.

¹⁹ Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com bolsa CAPES. Mestre em Direito pelo Programa de Pós-graduação “Novos Direitos, Novos Sujeitos” da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Especialista em Direito da Previdência Social pela FAVENI. Bacharel em Direito pela UFOP. Professor do curso de Direito da Rede Doctum – Unidade João Monlevade/MG. Membro do grupo de Pesquisas “RESSABER- Estudos em Saberes Decoloniais”. Orientando da Profa. Dra. Maria Cecília Máximo Teodoro na PUC/MG. E-mail: rainerbomfim@outlook.com



ANZALDÚA, Gloria. "To(o) Queer the Writer: Loca, Escrita y Chicana." In: WARLAND, Betsy (ed.). *In: Versions: Writing by Dykes, Queers and Lesbians*. Vancouver: Press Gang, 1991. p. 249-63

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva radical. Cadernos Pagu, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu, 1995, p.7-41.

LISBÔA, Natália de Souza. Nossocentrismo: para o que não tem solução. In: LISBÔA, Natália de Souza (org.). *Igualdade na diversidade*. Belo Horizonte: Initia Via, 2020.

Letramento e produção científica: desafios em contexto de pandemia

Adriana do Carmo Figueiredo²⁰

Esta comunicação apresenta como proposta uma discussão sobre a importância e os desafios da divulgação científica, especialmente no que se refere à produção do conhecimento acadêmico em contexto de pandemia. Conforme dados do Banco Mundial, de fevereiro de 2021, 71 por cento dos estudantes do ensino fundamental II podem não mais ser capazes de compreender um texto de tamanho moderado, após 10 meses do fechamento das escolas. Antes do cenário provocado pela pandemia do SARS-CoV-2, falava-se em 55 por cento. Há uma estimativa de que esse percentual pode aumentar para 77 por cento, caso as escolas permaneçam fechadas por um período maior. Se em tempos atuais, constatamos estudantes com sérios problemas de alfabetização e letramento (SOARES, 2010), imaginemos esse cenário em uma prospecção futura. Isso posto, o objetivo deste estudo é relatar uma experiência acadêmica, em que foram observadas dificuldades de jovens universitários, na leitura e compreensão de textos longos, durante a disciplina de *Metodologia da Pesquisa*, ministrada em uma instituição de ensino superior privada. A hipótese norteadora desta comunicação parte da percepção de que há dois indicadores que evidenciam essa problemática: um se refere ao precário letramento observado na produção de textos desses universitários; e outro que parece ser resultante de uma geração de jovens habituados a considerar as notícias veiculadas pelas redes sociais como válidas para o processo formador de opinião. Como resultado preliminar, observamos que esses indicadores

²⁰ Doutora em Estudos Linguísticos (POSLIN/UFMG). Docente da disciplina *Metodologia da pesquisa, comunicação e expressão de textos acadêmicos* no IESLA-ESJUS. Advogada constitucionalista. E-mail: acfigueiredo.prof@gmail.com.



interferem na produção do conhecimento científico e na sua divulgação. Concluimos que há também dificuldades no combate às informações falsas, devido às formas como estas foram introjetadas nos imaginários desses leitores.

Palavras-chave: Produção científica. Divulgação. Letramento. Desafios. Pandemia.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. *Agindo agora para proteger o capital humano de nossas crianças. Os Custos e a Resposta ao Impacto da Pandemia de COVID-19 no Setor de Educação na América Latina e Caribe*. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2021/03/17/hacer-frente-a-la-crisis-educativa-en-america-latina-y-el-caribe>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Adriana do Carmo. *Metodologia da pesquisa, Comunicação e Expressão de textos acadêmicos*. Disciplina ministrada no 1º período do curso de Direito do IESLA-ESJUS pelo sistema remoto emergencial (ERE). Belo Horizonte: IESLA, 2021. Programa da disciplina.

GOMES, David F. L.. Brasil, 2020: tentativa de diagnóstico. *Revista de Ciências do Estado*. Belo Horizonte: v. 6, n. 1, e28895. ISSN: 2525-8036. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e28895/e28895>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 346 p.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. In: SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



O conceito de democracia e a Ciência Política no Brasil: usos e limites

Leonardo Almeida da Silva²¹

As análises científicas acerca do Estado no Brasil – tal qual no conjunto dos países de destino para onde a Ciência Política foi exportada guardam características peculiares que aqui apresentamos a partir de dois eixos principais: 1) suas origens e fontes de recursos e 2) os limites nas análises sobre o conceito de democracia em um sentido *lato sensu*. O modelo de Ciência Política exportado para os países da América Latina, além de dependente epistemologicamente do que vinha sendo produzido nos países desenvolvidos, também carecia de financiamentos externos para se desenvolver enquanto uma área *autônoma*. O avanço da área em termos quantitativos nas últimas décadas fez da maioria dos cientistas políticos brasileiros dependentes do aporte de recursos de instituições norte-americanas públicas e privadas – com destaque para a Fundação Ford e a conseqüente divulgação da vertente behaviorista, o que arrefeceu o ímpeto e a presença de correntes mais críticas no interior da ciência política (VITULLO, 2005). Quanto ao segundo ponto, destacamos que a partir de análise com mais de 1000 artigos das principais revistas das ciências sociais brasileiras (Qualis A) extrai-se o fato de que a Ciência Política tem, de fato, dado pouca ênfase às correntes teóricas alternativas, como a democracia participativa e com isso aceitado a vertente liberal-pluralista com seus pressupostos e seu concorrente mais rarefeito, o paradigma habermasiano como ápice (MARQUES, 2007). Portanto, para além da influência norte-americana a ideia de autonomização do campo da Ciência Política no Brasil de inícios do século XXI é característica central quando da análise do tema da democracia no Brasil nos principais periódicos científicos das ciências sociais (LESSA, 2011).

Palavras-chave: Ciência Política; Democracia; Periódicos Científicos

REFERÊNCIAS

LESSA, Renato. *Da Interpretação à Ciência: Por uma História Filosófica do Conhecimento Político no Brasil*. Lua Nova, São Paulo, 82: 17-60, 2011.

MARQUES, Danusa. *Democracia e ciências sociais no Brasil (1985-2005)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

²¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Estágio-doutoral pela Universidade de Coimbra (UC). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor de Sociologia na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT-Cáceres). E-mail: leonardoalmeidarj@gmail.com



MIGUEL, L. F. *Teoria democrática atual: esboço de mapeamento*. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, nº 59. São Paulo, pp. 5-42, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Refundación del Estado en América Latina*. Perspectivas desde una epistemología de Sur. Bogotá, Siglo Del Hombre, 2010.

SILVA, Leonardo Almeida da. *Teorias da Democracia e Participação Política: Um Inventário Analítico de seu Esgotamento e Revigoramento em Boaventura Santos e Mangabeira Unger*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

VITULLO, Gabriel Eduardo. *Além da transitologia e da consolidologia: um estudo da democracia argentina realmente existente*. Tese de doutorado em Ciência Política, UFRGS. Porto Alegre, 2005.

UFMG Jovem: uma estratégia de divulgação científica juvenil em Minas Gerais

Alexandre Francisco Braga²²

Pretendo apresentar ao I Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado algumas ações da Diretoria de Divulgação Científica (DDC-PROEX-UFMG) que visam integrar ações que promovam a reflexão em temas que se situam na fronteira entre academia, sociedade e cultura. Foco minha comunicação na UFMG JOVEM que é uma feira de ciências da Educação Básica pública e privada e dos cursos de Licenciatura do Estado de Minas Gerais realizada desde 1999. Por possuir tantas edições, é um evento já enraizado no calendário universitário e parte do planejamento anual de várias escolas mineiras. Seu objetivo, de forma geral, é propiciar a interação entre a universidade e a comunidade, promovendo a valorização do trabalho científico e o incentivo à educação científica na juventude. Cada ano a UFMG Jovem trabalha com um tema central para a mostra dos trabalhos, alinhados com as propostas da UNESCO. Nesses 22 anos, de uma mostra de trabalhos da escola de aplicação, a feira se transformou em uma mostra competitiva de projetos de escolas públicas e privadas do estado promovendo a

²² Bacharel em Ciências do Estado e ex-bolsista da Diretoria de Divulgação Científica da UFMG. E-mail:bragafilosofia@yahoo.com.br.



inventividade e a criatividade dos estudantes. Agora, por meio da Resolução do CEPE nº 03/2000, a UFMG Jovem foi institucionalizada com o objetivo de enfatizar as atividades e ações de popularização da ciência realizadas no âmbito da Universidade.

Palavras-chave: ciência jovem, divulgação científica, Educação Básica, UFMG Jovem.

REFERÊNCIAS

BRASIL.Ministério da Educação.Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica: Fenaceb. Brasília: MEC/SEB, 2006b.

DORNFELD, Carolina Buso;Malttoni, Kátia Luciene. A Feira de Ciências como Auxílio para a Formação Inicial de Professores de Ciências e Biologia. Revista Eletrônica de Educação, v. 5, n. 2, nov. 2011. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/200/120>. Acesso em 10 de mar 2015.

HARTMANN, Ângela Maria;Zimmermann, Erika.*Feira de Ciências: a interdisciplinaridade e a contextualização em produções de estudantes de ensino médio*. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação. Disponível em <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/178.pdf>. Acesso em 10 de mar 2015.

MACHADO, Carolina LuvizotoÁvila,BOURDOQUI, Maurílio, et al. *Aspectos importantes da realização de Feiras de Ciências na Educação Básica*.Disponível em http://www.sinprosp.org.br/conpeb/revendo/dados/files/textos/pdf_Comunicacoes_cientificas/Aspectos%20importantes%20da%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Feiras%20de%20Ci%C3%Aancias%20na%20.pdf. Acesso em 10 de mar 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.Diretoria de Divulgação Científica.*Relatório de Gestão 2010-.2014*.mimeo.

WANDERLEY, Eliane Cangussu. *Feiras de ciências enquanto espaço pedagógico para aprendizagens múltiplas*. 1999. Dissertação (Mestrado) - CEFET-MG, Belo Horizonte. Disponível em <<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/11a.pdf>>. Acesso em 8 de mar 2015.

